

LE GOFF, Jacques. *A Bolsa e a Vida: economia e religião na Idade Média*. Trad. Maria Ferreira. Rio de Janeiro: Vozes, 2022. 104 p.

Rodrigo Felipe Veloso

Universidade Estadual de Montes Claros
(Unimontes) | Montes Claros | MG | BR
rodrigof_veloso@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0001-7840-584X>

Jacques Le Goff, expoente da terceira geração da Escola dos Annales, alia rigor metodológico e estilo narrativo envolvente na reconstrução do imaginário medieval. Em *A Bolsa e a Vida: Economia e Religião na Idade Média* (Petrópolis: Vozes, 2022), tradução brasileira realizada por Maria Ferreira da obra *La Bourse et la Vie: économie et religion au Moyen Âge* (Paris: Hachette, 1986), o historiador francês examina com profundidade a tensão entre moral cristã e práticas econômicas, revelando como o dinheiro tornou-se um campo simbólico de conflito entre o sagrado e o profano. Essa edição francesa, amplamente revisada e comentada por Le Goff, insere-se no núcleo de seu projeto intelectual voltado à antropologia histórica do cristianismo ocidental, em diálogo direto com *A Civilização do Ocidente Medieval* (1964; 2018) e *O Nascimento do Purgatório* (1981; 2017).

A trajetória editorial da obra é igualmente significativa. Traduzida para o português europeu pela Estampa em 1990 e reeditada no Brasil em 2022 pela Vozes, com aparato crítico atualizado, *A Bolsa e a Vida* reafirma sua posição como marco dos estudos sobre a mentalidade e o tempo histórico medieval. A permanência de seu interesse revela não apenas o prestígio do autor, mas também a vitalidade de sua

abordagem interdisciplinar, que articula teologia, economia e simbologia em uma leitura que ultrapassa fronteiras disciplinares.

Com pouco mais de cem páginas, o livro condensa séculos de debates teológicos e práticas sociais em torno da usura, ou seja, o empréstimo de dinheiro a juros, questão que Le Goff interpreta como metáfora da luta entre o mundo espiritual e o material. O título sintetiza essa ambiguidade: a “bolsa” é o signo da riqueza terrena, enquanto a “vida” aponta para a salvação eterna. Essa oposição não é apenas ética, mas fundante da estrutura mental do Ocidente cristão. Em cinco capítulos, entre eles “Entre o dinheiro e o Inferno”, “O ladrão de tempo” e “O usurário e a morte”, o autor mapeia o percurso que vai da condenação absoluta da usura à invenção do Purgatório, compreendida como uma solução simbólica e institucional para conciliar fé e riqueza.

No primeiro capítulo, Le Goff caracteriza a usura como “pecado gravíssimo”, ancorado numa teologia do tempo: “Num mundo em que o dinheiro [...] é ‘rei’, o tempo pertence a Deus; cobrar juros é vender o tempo” (Le Goff, 2022, p. 6). Essa concepção original do “tempo monetizado” constitui uma das teses mais inovadoras do autor. A partir dela, Le Goff demonstra que a economia medieval não pode ser reduzida a uma pré-história do capitalismo, mas compreendida como campo de negociação entre doutrina e prática social. O IV Concílio de Latrão (1215), ao instituir a confissão anual, individualizou a moral e inseriu o usurário no centro das preocupações pastorais, um indício de que a gestão financeira era também território de salvação e culpa.

No capítulo “A bolsa: a usura”, o autor aprofunda o exame das práticas financeiras, mostrando que, apesar das proibições eclesiásticas, o crédito a juros era amplamente utilizado, inclusive entre o clero. Essa constatação desestabiliza leituras simplistas da economia medieval e antecipa o debate sobre o “pré-capitalismo”. Le Goff mobiliza Tomás de Aquino, que reconhecia a injustiça da usura: “Receber uma usura pelo dinheiro emprestado é em si injusto: pois se vende o que não existe, instaurando uma desigualdade contrária à justiça” (Le Goff, 2022, p. 24). Entretanto, o autor não se limita à citação doutrinária; ele demonstra como o pensamento escolástico já esboçava formas de legitimação do lucro moderado, prenunciando a racionalidade econômica moderna.

Em “O ladrão de tempo”, a análise atinge um ponto de maturidade teórica. O usurário é o símbolo do homem que “rouba o tempo de Deus”, metáfora que Le Goff utiliza para contrapor a temporalidade qualitativa medieval, circular, divina e salvífica, à temporalidade quantitativa da modernidade capitalista. Essa leitura,

de forte alcance filosófico, é uma das mais fecundas da obra, pois faz do tempo um eixo explicativo das transformações culturais e econômicas. A associação entre usura e judaísmo, tratada com cautela, revela a densidade histórica do preconceito e a forma como a teologia contribuiu para a construção de estigmas sociais. O autor evita qualquer determinismo e evidencia que o sistema creditício envolvia também cristãos, muitos dos quais viviam sob o dilema moral entre fé e lucro.

“O usurário e a morte” amplia a dimensão imagética e antropológica da pesquisa. As narrativas de mortes exemplares, sermões e *exempla* sobre o castigo dos usurários ilustram o poder pedagógico do medo na cristandade. A morte, observa Le Goff, é espetáculo e lição moral: “os usurários são como um leão que se apodera da presa” (Le Goff, 2022, p. 50). A análise de tais representações revela o quanto o imaginário cristão funcionava como sistema de regulação social e emocional. Essa leitura simbólica, apoiada em fontes literárias e visuais, é um dos pontos altos do método legoffiano, unir história das mentalidades e antropologia do simbólico sem diluir a especificidade dos fenômenos históricos.

O capítulo “A bolsa e a vida: o purgatório” constitui o núcleo interpretativo da obra. Retomando *O Nascimento do Purgatório*, Le Goff defende que a invenção desse “terceiro lugar” entre Céu e Inferno foi uma das mais importantes revoluções mentais do cristianismo. O Purgatório, ao permitir a expiação gradual e negociável, legitimou a coexistência entre fé e riqueza. A Igreja, como mediadora, passou a controlar não apenas a salvação, mas também o crédito espiritual e econômico. Essa tese, de que o capitalismo nascente se enraíza em um imaginário teológico do tempo e da reparação, é uma das mais instigantes e, ainda hoje, amplamente debatidas nos estudos sobre a gênese do pensamento econômico ocidental.

No desfecho, “O coração também tem suas lágrimas”, o autor recupera a dimensão afetiva da salvação, explorando o papel das mulheres como intercessoras espirituais. Essa perspectiva, menos conhecida, revela o olhar sensível do escritor sobre as relações de gênero e a espiritualidade doméstica. A compaixão e o amor feminino tornam-se forças redentoras, capazes de reconciliar o pecador com o divino, uma nuance que humaniza a economia da salvação.

Nesse contexto, a complexidade da obra reside na capacidade singular de Le Goff em articular economia, religião e imaginário social sob uma mesma estrutura interpretativa. Em *A Bolsa e a Vida: Economia e Religião na Idade Média*, o autor desloca o foco da história econômica tradicional para o campo das mentalidades, revelando que as práticas financeiras medievais não podem ser compreendidas apenas por sua materialidade, mas por sua inserção simbólica no universo cristão.

Essa abordagem, que combina rigor historiográfico e sensibilidade antropológica, reinterpreta o papel da Igreja não como mera repressora do lucro, mas como mediadora de uma nova economia do tempo e da salvação. O dinheiro, nesse contexto, deixa de ser um objeto neutro para se tornar um operador teológico e cultural, o que faz do livro um dos marcos mais sofisticados da história artística do Ocidente.

Entretanto, a força interpretativa de Le Goff também suscita debates e questionamentos. Sua leitura da usura como “roubo do tempo de Deus” e sua tese de que o capitalismo nascente emerge da teologia cristã do Purgatório, embora brilhante, são por vezes criticadas por generalizar processos econômicos complexos em categorias simbólicas excessivamente amplas. Autores como Georges Duby (1979; 1987) e Aron Gurevich (1991) apontaram que a economia medieval possuía dinâmicas regionais e sociais heterogêneas, muitas delas pouco dependentes da moral cristã. Além disso, a crítica contemporânea, especialmente sob influência da nova história econômica e da sociologia histórica, ressalta que Le Goff tende a subestimar fatores materiais, como as inovações tecnológicas, o comércio urbano e o papel das corporações, privilegiando a explicação simbólica. Do mesmo modo, embora sua obra seja incontornável, ela exige leitura crítica que reconheça tanto sua originalidade quanto suas limitações analíticas.

Ainda assim, o impacto de *A Bolsa e a Vida* sobre os estudos medievais permanece profundo e duradouro. Le Goff redefiniu o modo de pensar o entrelaçamento entre fé e economia, transformando a Idade Média de cenário estático em campo dinâmico de transformações mentais e espirituais. Sua contribuição ultrapassa o domínio da história e dialoga com a filosofia, a teologia e a antropologia, demonstrando que a compreensão do passado exige integrar o visível e o invisível, o econômico e o simbólico. Ao propor que o capitalismo ocidental nasce de uma reconfiguração teológica do tempo, o autor abre caminho para novas interpretações da modernidade e de suas continuidades medievais. Mesmo diante de revisões posteriores, a obra de Le Goff continua sendo um paradigma da historiografia das mentalidades, complexa, interdisciplinar e provocativa, cuja principal virtude talvez seja a de nos obrigar a repensar os limites entre economia e espiritualidade.

Em síntese, *A Bolsa e a Vida* é uma meditação sobre o entrelaçamento entre economia e escatologia, fé e lucro, moral e tempo. Le Goff demonstra que a história econômica só se torna inteligível quando atravessada pela história das representações, pois o capitalismo, longe de ser ruptura, é herdeiro de um imaginário cristão que transformou o tempo em mercadoria redimível. A clareza expositiva

e o rigor interpretativo sustentam a validade das teses apresentadas, que, embora desafiadas por correntes mais recentes da historiografia econômica, continuam influentes por sua dimensão simbólica e interdisciplinar.

Desde sua primeira edição, a obra impactou decisivamente os estudos medievalistas. Ela inaugurou uma maneira de pensar a economia medieval não como simples antecedente do capitalismo, mas como sistema de valores e crenças articulado à escatologia cristã. Seu alcance ultrapassou os limites da história econômica, influenciando a teologia, a filosofia e a sociologia da religião. *A Bolsa e a Vida* permanece, assim, como um dos textos mais originais e férteis de Le Goff, capaz de iluminar tanto a Idade Média quanto os paradoxos contemporâneos entre ética e prosperidade. O eco das moedas e das orações medievais, como sugere o autor, ainda ressoa no coração do homem moderno.

Referências

LE GOFF, Jacques. *A Bolsa e a Vida: economia e religião na Idade Média*. Trad. Maria Ferreira. Rio de Janeiro: Vozes, 2022.

LE GOFF, Jacques. *A civilização do Ocidente Medieval*. Trad. Mônica Stahel. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

LE GOFF, Jacques. *O nascimento do purgatório*. Trad. Maria Ferreira. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

DUBY, Georges. *Economia rural e vida no campo no Ocidente medieval*. Trad. Carlos de Brito. Lisboa: Edições 70, 1987.

DUBY, Georges. *O tempo das catedrais: a arte e a sociedade (980–1420)*. Trad. José Saramago. Lisboa: Estampa, 1979.

GUREVICH, Aron. *As categorias da cultura medieval*. Trad. João Monteiro. Lisboa: Caminho, 1991.

Data de submissão: 15/08/2025.

Data de aprovação: 24/11/2025.